

Ciberfeminismo e sororidade nas redes sociais: análise de publicações no canal do Youtube e perfil do Twitter da ONG Não Me Kahlo

JANETE MONTEIRO GARCIA

Universidade Paulista
Jornalista, Mestre e Doutoranda em Comunicação pela Universidade Paulista.

PAOLO DEMURU

Universidade Paulista
Doutor em Semiótica pela Universidade de Bologna e doutor em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo. Possui Pós-Doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); e Pós-Doutorado em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

RESUMO

O artigo propõe uma análise semiótico-discursiva de vídeos do Canal do grupo “Não Me Kahlo” no Youtube e na página “ego” do grupo no Twitter. A Ong foi criada em 2013 com o objetivo de promover a sororidade e debater acerca da violência contra a mulher no ambiente digital. Atualmente são cerca de 4 mil inscritos no canal do Youtube e 105 mil seguidores no Twitter. O recorte compreende publicações de 2020-2021 buscando entender como as mulheres se posicionam dentro desta plataforma de comunicação solidária. Partimos do pressuposto que a iniciativa ganha mais força e visibilidade dada interação com o público feminino operando no sentido de sobrepujar angústias impostas pelo sistema patriarcal.

Palavras-chave: youtube; twitter; violência contra mulher.

ABSTRACT

The article proposes a discursive analysis of videos from the channel of the group “Não Me Kahlo” on Youtube and on the page “ego” of the group on Twitter. The NGO was created in 2013 with the aim of promoting sisterhood and debating violence against women in the digital environment. Currently, there are about 4 thousand subscribers on the Youtube channel and 105 thousand followers on Twitter. The clipping comprises publications from 2020-2021 seeking to understand how women position themselves within this solidarity communication platform. We start from the assumption that the initiative gains more strength and visibility given the interaction with the female audience, operating in the sense of overcoming anxieties imposed by the patriarchal system.

Keywords: youtube, twitter, violence against women.

1. INTRODUÇÃO

O artigo propõe a análise das postagens da Ong Não Me Kahlo, no Canal do Youtube e Twitter do grupo, que traz conteúdo de cunho feminista com viés acadêmico. A Não Me Kahlo foi criada em 2013 e atua como ativista (online e offline) no sentido de promover por meio da informação, o debate sobre machismo, violência contra a mulher e autonomia feminina. Atrela-se ainda à ideia de sororidade, conceito trabalhado por autores como hooks (2015) e Piedade (2017) que tratam da “aliança” entre mulheres no sentido de fortalecimento.

As ações da instituição, que conta atualmente com cerca de 4 mil inscritos no canal do Youtube e 105 mil seguidores na rede social (Twitter), espaços virtuais que compõem nosso corpus de pesquisa, estão alinhadas à perspectiva de interseccionalidade (gênero, raça, classe e orientação sexual). O objetivo deste estudo é analisar a participação e engajamento das mulheres nas duas plataformas comunicacionais e observar a interação entre destinatador e destinatário.

A intenção é ainda perceber se as postagens associaram o conteúdo principal aos desafios da pandemia já que segundo dados da Organização das nações Unidas/Mulher (2020), este fenômeno se complexificou neste momento. Portanto, o recorte proposto é: análise de vídeos publicados desde 2020 no canal do Youtube e sua interação com o público, assim como publicações no Twitter de janeiro a maio de 2021. Esse período, nessa última rede social, se justifica devido à grande quantidade de publicações na página, que ficariam impossibilitadas de analisar e discutir neste estudo. Foram encontradas centenas de posts e os critérios de seleção são os seguintes: primeiro verificamos informações específicas sobre a causa feminista. Abrimos um adendo para explicar, que em função da interseccionalidade proposta pelos destinatadores existe uma gama enorme de assuntos levantados a esse respeito. Como nosso foco é a violência contra a mulher, nos atemos à coleta desses compartilhamentos.

A pergunta de pesquisa é: como as mulheres se posicionam e quais estratégias discursivas elas utilizam dentro dessas plataformas de comunicação solidárias?

Para respondê-la, utilizamos como aporte teórico-metodológico a análise do discurso da Escola Francesa de Semiótica de Greimas e Courtés (2008), além de outros nomes que atuam na compreensão de Ciberfeminismo e gênero como Donna Haraway (1985); violência e patriarcado (Saffioti, 1987; Saffioti e Almeida, 1995) e Gerda Lerner (2019).

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

2.1. Semiótica-discursiva

A análise do discurso parte da ideia de que não basta a leitura de um texto, mas sim mostrar quais elementos de produção e efeitos de sentido foram acionados, podendo ser ele fruto de questões culturais, ideológicas, entre outras (FIORIN, 2016). Em suma, é “tornar explícitos mecanismos implícitos de estruturação e interpretação desses textos” (FIORIN, 2016, p. 10). Cabe explicar que para os semioticistas da Escola Francesa de Semiótica, Greimas e Courtés (2008) o termo “texto” pode ser representado por inúmeras coisas: um ritual, uma imagem, uma pintura, uma música, um filme, uma publicação nas redes sociais. Ou seja, tudo é passível de análise e produz significado (GREIMAS E COURTÉS, 2008, p. 503).

Fiorin (2016) menciona que os textos são narrativas complexas, organizados hierarquicamente “em uma série de enunciados de fazer e de ser (de estado) e estruturados numa sequência canônica (FIORIN, 2016, p. 29)” integrando fases como a da manipulação, competência, performance e sanção. Assim é possível traçar um percurso sobre a construção de um “ator” em uma determinada narrativa, denominação que segundo Greimas e Courtés (2008, p. 44-45) “substitui o personagem” em uma história, tratando-se de “narrativas complexas”, principalmente porque nem sempre estão evidentes ou claras no discurso, e, portanto, precisam ser decifradas. Fiorin, como seguidor de Greimas, trabalha também um conceito que será muito acionado ao longo das análises, que são as isotopias. Elas são “recorrências” de cunho (temático, figurativo e plástico) que são identificados ao longo de uma narrativa tornando capaz a assimilação de um pensamento acerca do objeto estudado (FIORIN, 2016, p. 112).

Todas as interações são compostas pelo que Greimas e Courtés (2008) denominam “actantes da comunicação ou da enunciação: interlocutor e o interlocutário, que participam da estrutura da interlocução que é o diálogo” (GREIMAS E COURTÉS, 2008, p. 21). É sobre esses “diálogos”, que buscaremos identificar os posicionamentos nas produções da Não Me Kahlo.

Em determinados momentos, utilizaremos o conceito de semiótica figurativa e plástica de Greimas (1984) para a análise das imagens. Por meio dessa abordagem e de categorias como topológica (baixo, alto, direita, esquerda, superior, inferior), cromática que diz respeito às cores usadas (a exemplo: preto, branco, escuro, claro), e eidética que são representadas por formas (quadrado, redondo) obtém-se recursos precisos para uma maior compreensão do objeto em questão.

2.2 Patriarcado e violência contra a mulher

As imposições do sistema patriarcal constroem um solo fértil para as violências, como descrevem Saffioti e Almeida na Obra “Violência de Gênero: poder e impotência” (1995), que foi fruto de um trabalho e pesquisa de campo que durou seis anos. Neste período elas observaram a relação: vítima, agressor, policiais, assistentes sociais, entre outros, e a partir daí desenvolveram uma leitura e teoria sobre o problema. As pesquisadoras apontam quão generalizada é a violência que ocorre, particularmente, dentro dos lares em vários locais do Brasil chegando a comparar esse tipo de ação como uma “erva daninha” que se alastra culminando com o efeito da impunidade e tais práticas são assimiladas na sociedade como um todo tanto por homens quanto por mulheres (SAFFIOTI, ALMEIDA, 1995, página de apresentação).

Estes processos fazem criar não só novos conceitos com o objetivo de sobrepujar este desafio, mas principalmente novas práticas para o enfrentamento da opressão. Pensando assim é que autoras como hooks (2015), Piedade (2017) Machado, Schons e Melo Dourado (2019) defendem a noção de sororidade como sendo uma maneira de se estabelecer “uma aliança entre elas que deve considerar o entrelaçar de gênero, raça e classe” (MACHADO, SHONS E MELO DOURADO, 2019, p. 240). Esta concepção não representa apenas uma forma simbólica de “abraçar” mulheres que são vítimas de qualquer espécie de violência, mas especialmente de educar.

De acordo com a investigação encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (e feita pelo Instituto Datafolha) com 2 mil mulheres no País nos últimos 12 meses, 75%, que corresponde a 17 milhões de entrevistadas, disseram ter sofrido algum tipo de violência neste período da pandemia, convergindo em alguns pontos com a pesquisa que propomos. A porcentagens por si só aponta a importância de estudos nesse sentido com o fito de buscar entender essa problemática, além de que é uma das maneiras de mostrar como ocorrem esses processos na tentativa de estimular ações e um debate amplo que vise uma mudança no que Greimas e Courtés (2008, p. 324) chamam de “mundo natural” ou do “Senso comum”, representando aquele que segue uma ordem de naturalização das coisas.

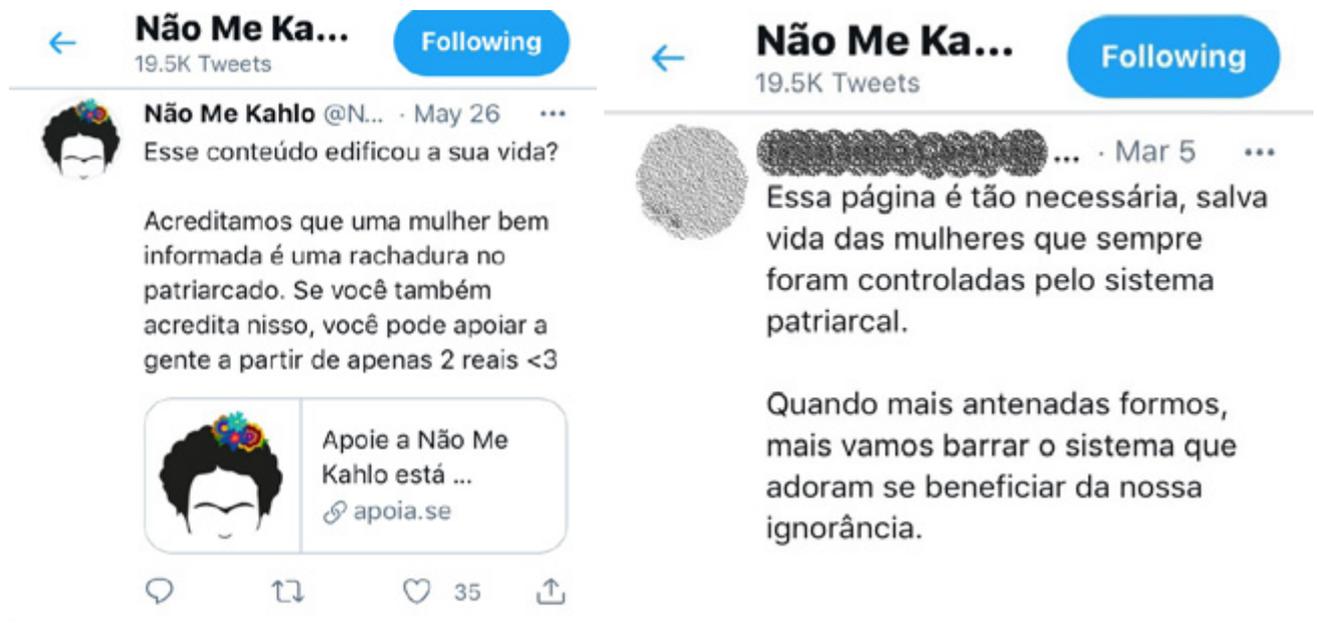
Pesquisas como as de Saffioti e Almeida, do Fórum de Segurança, entre outros interessados no assunto, revelam seja em épocas diferentes, distantes ou atuais (1995, 2021), que o problema persiste e esta é mais uma justificativa para seguir adiante estudando esse tema visto que ou os casos se estabilizam ou aumentam, nunca diminuem, fazendo desta uma grave crise a ser enfrentada pela sociedade. Isso quando a mulher não é “responsabilizada” pelos acontecimentos, como desvelam Saffioti e Almeida (1995) e veremos no corpus. Não é incomum, conforme Saffioti descreveu na Obra “O poder do Macho” (1987), que “mulheres vítimas de violência são, frequentemente, transformadas em réis, inclusive depois de mortas” (SAFFIOTI, 1987, p. 80).

Ao adentrarmos nessa esfera, não podemos deixar de trazer para a discussão os estudos de Gerda Lerner (2019) e a obra "Criação do Patriarcado: História da Opressão das mulheres pelos homens" que segundo a autora existe há mais de 2.500 anos. Dos escritos bíblicos até os tempos atuais Lerner (2019) traça uma genealogia do sistema, que pode auxiliar no entendimento (não aceitação) das maneiras pelas quais essas práticas são desencadeadas. Para Lerner (2019), as formas simbólicas criadas a fim de explicar o mundo e o universo, mostram desde o início como a mulher já se encontrava em posição desfavorável, que acaba em determinadas construções narrativas e discursivas criando uma defesa a certos padrões de violência.

2.3 Ciberfeminismo

Ao falar de Ciberfeminismo não tem como não partir de Donna Haraway e sua publicação com o Título "Manifesto Ciborgue" (1995) no fim do Século XX, que deu origem a essa teoria. Foi a pesquisadora lá atrás nos primórdios das invenções tecnológicas (internet) que inspirou esse tipo de ativismo como forma de protestar contra o patriarcado e suas ações, sem imaginar que anos à frente, mais precisamente hoje, a tecnologia seria um meio de "pegar para si, as qualidades potentes de seu inimigo e as utilizar aos seus próprios fins ideológicos, (re) apropriando os instrumentos do próprio sistema para combatê-lo" (FERRAZ, 2019, p. 60-61). Esse manifesto, também representa uma crítica aos movimentos feministas da época sobre o "ser mulher" que era tratado de forma "naturalizada", de acordo com as explicações de Malaquias (2016) sobre "Ciborgue". O termo soa ainda como uma espécie de metáfora na qual se busca a desconstrução dos padrões: ser-humano/máquina e masculino/feminino). Esse "ser", na visão de Haraway (1985) pode ser desmontado e remontado como um novo indivíduo, associado àquele que se reinventa diante dos desafios construídos pela sociedade. Sobretudo, Haraway encontrava nessa proclamação do "ciborgue um modelo para essa nova política de identificação" (MALAQUIAS, 2016).

Pelo que se observa, a Ong atua com essa missão de "utilizar a força da informação para promover a autonomia feminina" (Não me Kahlo, 2013). Uma publicação na página do Twitter, vai bem ao encontro desse pensamento e é apoiada pelo público alvo (Fotos 1 e 2):



FOTOS 1 E 2 - FONTE: TWITTER, 2021

Essa atuação, com o objetivo de educar fazendo do espaço cibernético ou “espaço de interação” (Cf. LANDOWSKI, 1992, p. 85) um meio para que isso ocorra, auxilia na quebra de padrões e mudança de visão tanto por parte da mulher quanto do homem. Nessa linha, a Não Me Kahlo traz conteúdos diferenciados e com viés acadêmico, não são simples postagens, mas publicações que de fato, informam, como defende Haraway (1995) na proposta da metáfora do ‘ciborgue’ contemplando o “processo da simbiose com o real, enriquecendo demasiadamente a produção científica” (HARAWAY, 1995, p. 2-3).

É uma maneira, segundo Ferraz (2019), de influenciar na reflexão a respeito dos “processos do estudo científico sobre os ciberfeminismos, considerando estes saberes localizados, em conversas e códigos feministas, desempenhando a compreensão dos significados possíveis” (FERRAZ, 2019, p. 63). Mais do que isso tem o poder de “estimular a revisão dos valores sociais, a partir, da decodificação dialogada, entusiasmada pela esperança de responsabilidade na política do cotidiano tecno-capitalista” (FERRAZ, 2019, p.63).

Esses posicionamentos nas redes sociais em torno de uma causa, acionam outro conceito que Haraway chama de tecno-biopotência do feminismo, sendo conforme explica Ferraz (2019) a busca de uma “energia ativista ativa e sua articulação rede/ rua como o combustível da Multidão Ciborgue” (FERRAZ, 2019, p 65).

Tais práticas e ações “Ciberfeministas” seguem a teoria de Haraway que é para Malaquias (2016) “bastante precisa na proposta de uma nova política identitária com base na afinidade” (MALAQUIAS, 2016). Afinidade ou mesmo “aliança” que associados aos conceitos de sororidade

empregados por hooks (2015), Piedade (2017), Macho, Schons e Melo Dourado (2019) dão vida a determinados ativismos.

3. RESULTADOS ALCANÇADOS

3.1 Youtube

Na plataforma do Youtube da Ong que tem cerca de 4 mil inscritos, as destinadoras do conteúdo descrevem “Neste vídeo de reestreia do nosso canal no Youtube resolvemos falar sobre CIBERFEMINISMO e lançar nossa própria visão do que será nosso trabalho aqui nesta plataforma daqui pra frente” (NÃO ME KAHLO, 2020). Ao todo foram publicados de 2020 até o momento da concepção do artigo, maio (2021), dois vídeos, mas as destinadoras não fazem associação do tema defendido com o período da pandemia, inclusive parecem ações desenvolvidas anteriormente já que expõem fotos de encontros realizados interagindo com número grande de pessoas. Mesmo assim, entendemos ser importante fazer análise das publicações em questão com o objetivo de entender o posicionamento deste canal e o retorno obtido.

As interlocutoras trabalham com diversos tipos de “textos” (Greimas e Courtes, 2008, p. 503) possivelmente no intuito de atingir determinados grupos ou públicos. Além do texto escrito por Malaquias (2016) e disponibilizado na página do Twitter do grupo, no site, a Ong publicou um vídeo com o título “Ciberfeminismo” (2020) como destacado acima em seu canal do Youtube. Vemos esse como um tipo de isotopia (FIORIN, 2016, p.112; GREIMAS E COURTÉS, 2008, p. 275) ou a “recorrência de um dado traço semântico [...] que oferece um plano de leitura e determina um modo de ler um texto” (FIORIN, 2016, p. 112). São formas de reiterar ou associar (temática, figurativa e plasticamente) uma ideia e nesse caso, de dar ao público a oportunidade de acessar uma gama maior de informação, que se não é feita pelo site, pela página do Facebook, Instagram ou Twitter, pode ser consultada por meio de outra linguagem atrativa de som e imagem, disponível em vídeos no Youtube.

Neste vídeo “Ciberfeminismo” com base em pesquisas científicas, a Não Me Kahlo traz informações pertinentes sobre a trajetória de luta das mulheres contra a desigualdade e como elas estão presentes na rede, que tece a dominação por meio da tecnologia. Não diferente do texto escrito explicando sobre o conceito de “Ciberfeminismo”, a publicação enfatiza a ideia de Haraway (1985) e que a autora esperava disseminar por meio da metáfora do “Ciborgue”, já explicada por Malaquias (2016) e Ferraz (2019). O vídeo com 13 minutos e 56 segundos

teve 2.690 visualizações e 33 comentários (incluindo nesse recurso) aquilo que Landowski (1992, 2014) passa a entender, após anos de reflexão como sendo um “espaço de interação”, de engajamento, onde os discursos acontecem e ganham visibilidade, a partir de modalidades na ordem do “ver” ou “ser visto” representando “intercâmbios visuais, situações pacificadas supondo quase uma contratualização do ‘direito de olhar’ entre parceiros” (LANDOSKI, 1992, p. 95). São depoimentos de 15 mulheres, 5 respostas da Não Me Kahlo e 13 menções de homens. A maior parte dos comentários parabeniza a publicação baseada no pensamento de Haraway (1985), pedido de tradução ou legenda para compartilhamento em outro idioma, menção a outras feministas como Ayn Rand e Margaret Thatcher. A interação entre destinatador e destinatário, interlocutor e interlocutório, se presentifica em comentários como: “Tragam mais vídeos sobre Donna Haraway! Uma pensadora importante e pouco traduzida para nossa língua. Amei o vídeo”. A resposta da Não me Kahlo “Uma de nossas principais referências. Com certeza falaremos mais dela”; outro inscrito expõe “Excelente conteúdo, muito bem produzido e me fez refletir sobre diversos temas que sinceramente nunca tinha parado para pensar. Devidamente compartilhado para essa reflexão chegar a mais pessoas!”.

Outra autora descrita na publicação é Judy Wajcman (que escreveu a Obra: Feminismo confronta a tecnologia, 1991). Wajcman (1991) faz parte de uma leva de feministas que passaram a pensar nessa relação entre mulher, tecnologia, gênero e classe preocupando-se que (Foto 3),

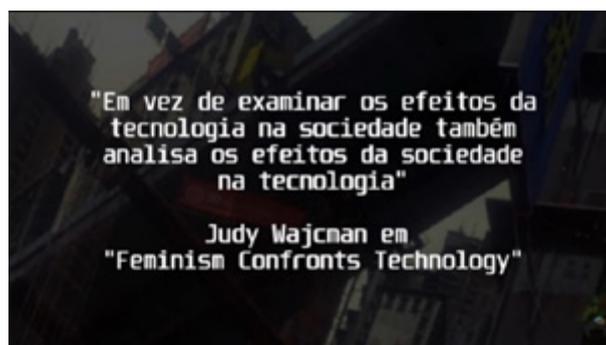


FOTO 3 - FONTE: YOUTUBE NÃO ME KAHLO, 2021

A imagem que mescla o preto e o branco, sendo mais englobado o tom escuro remete a uma ideia de conflito entre um e outro posicionamento, no caso, a tentativa de fortalecimento da causa da mulher contra a esfera hegemônica vigente. Se observarmos com mais atenção vemos na imagem diversos edifícios já estabelecidos e outro no centro em construção, e que também parece uma ponte, dando mais ênfase ainda ao que foi dito anteriormente acerca da iniciativa do grupo. Todos esses elementos somados ao verbal convergem com um dos propósitos defendidos na proposta de

Interseccionalidade da Não Me Kahlo. Assim, o vídeo segue desvendando que “Mulheres foram pioneiras na área da tecnologia, mas quando começaram a ter maior visibilidade, o marketing direcionado aos “meninos” foi mais forte. Quando começou ganhar importância, as “mulheres passaram a não ser mais tão aptas à programação” (Não Me Kahlo, 2020), e hoje essa é uma carreira vista mais como masculina, assim como outras. Agora, como os homens são a maioria quais os efeitos que a tecnologia produz?

Justamente por ser comandada por homens, a Não Me Kahlo lembra que a tecnologia não é neutra. Estabelecem nesse sentido uma ligação do capitalismo com as invenções tecnológicas e o patriarcado.



FOTO 4 - FONTE: YOUTUBE NÃO ME KAHLO, 2021

Na imagem acima (Foto 4) apresentada no vídeo da Ong vemos novamente o preto e o branco tanto no computador quanto no dispositivo que representa uma “assistente virtual” (a cromática preta pode simbolizar processos difíceis, pesados) como o luto, por exemplo; e o branco, a paz que se busca construir na igualdade de gênero tornando os processos mais leves e, portanto, diferentes dos estipulados social e culturalmente onde a mulher é vista como sujeito inferior. Na esfera “tecnocapitalista” a “assistente virtual” geralmente é representada pela figura feminina recebendo voz e nome de mulheres como: Alexa, Magalu, Bia (Bradesco) representando os efeitos da sociedade na tecnologia. Tal descrição pode caracterizar, por um lado, uma tentativa de empoderamento da mulher; por outro, se associado à ideia de que as tecnologias são comandadas no geral por homens, elas seguem a tendência dominante de que a figura feminina é a que melhor pode representar a “assistente virtual”. A “assistente” combina com a ideia de “submissão” ou “sujeição” da mulher (cf. GARCIA, 2022) que é enquadrada em profissões ou papéis “delegados” às mulheres. Desse modo, o público usa a “assistente virtual”, interage com ela sem se dar conta que está incorporando ou naturalizando ainda mais esses conceitos em seu meio (GREIMAS e COURTÉS, 2008, p. 324).

Segundo a Ong, todas estas questões estão relacionadas com a “velha divisão sexual do tra-

balho”, ou seja, mulher faz isso e homem faz aquilo. Ao aprofundar sobre o tema, a Não Me Kahlo (2020) lembrou de matéria divulgada na Cosmopolitan (1967) que dizia,

20 anos atrás uma garota poderia ser uma secretária, professora, talvez uma bibliotecária, assistente social ou enfermeira [...] se ela fosse muito ambiciosa poderia ir para profissões e competir com homens, geralmente trabalhando mais e por mais tempo, ganhando menos pelo mesmo serviço. Agora chegaram os computadores grandes e deslumbrantes. Um novo mundo de trabalho para mulheres – programação. É como planejar um jantar, diz a doutora Grace Hopper (NÃO ME KAHLO, 2020).

Hopper e outras mulheres foram pioneiras na criação de diversas tecnologias e linguagem de programação. A partir daí outras invenções ganharam força e a autoria foi assumida por homens. Como a tecnologia é um produto humano, ela pode também ser racista. Dentro da perspectiva da Interseccionalidade, uma pesquisa de Tarcízio Silva (2018), com o título: Dados, algoritmos e racialização em plataformas digitais revela alguns exemplos a esse respeito. Em uma das imagens mostra que ao serem feitas buscas por “garotas negras”, os resultados que surgem são parecidos com esse na (Foto 5),



FOTO 5 - FONTE: YOUTUBE NÃO ME KAHLO, 2021

Ou seja, conteúdos pornográficos atrelados ao pensamento de que a mulher negra serve às práticas sexuais bem como era obrigada nos tempos de escravidão “servir ao seu senhor”.

Outro vídeo publicado há 7 meses (2020) tem 1 minuto e 39 segundos e 205 visualizações. Começa mostrando uma cena em que aparece um braço de mulher com pulseiras coloridas de tecidos segurando uma xícara de café que tem os dizeres: “Tomando café porque derrubar o patriarcado tem que ser feito com energia”. Em seguida a xícara é colocada ao lado do computador e a mão aperta a tecla “power” (NÃO ME KAHLO, 2020). No contexto as “pulseiras coloridas” remetem à ideia de leveza, de se buscar uma nova visão, distinta do preto, por exemplo, que tem prevalecido em “valores” como os já mencionados. O termo “power” ou poder pode simbolizar alguns significados em relação à representação feita: destituição das opressões e do poder masculino; que por meio

das tecnologias, com a mesma visão de Haraway (1985) a mulher encontra força para sobrepujar a dominação masculina, entre outras discriminações.

Fora esses aspectos figurativos destacados, a proposta da publicação é divulgar o trabalho institucional do grupo, que iniciou os trabalhos em 2014. Menciona que em 2018, a campanha “ajude a Não Me Kahlo a se tornar uma Ong” foi um sucesso; depois disso as idealizadoras criaram uma plataforma para falar de feminismo que “normalmente é negado em grandes meios de comunicação”; receberam um troféu “Mulher Imprensa”. Desse modo seguem suas campanhas, usando os recursos tecnológicos disponíveis como ferramenta e símbolo de luta contra todo o tipo de desigualdades. Nessa mesma esteira, trataremos no próximo tópico do acompanhamento do Twitter do grupo, observando como ocorre esse engajamento num espaço com maior interação.

3.2 Twitter

Na primeira leitura da Página ou rede “Ego”, que segundo Recuero (2009) estabelece conexões nesse “ambiente” manifestados “a partir de seus links e comentários” (RECUERO, 2009, p. 70) ou como queira, produzindo um “ver” e “ser visto”, segundo Landowski (1992, p. 95).

O grupo tem aproximadamente 105,3 mil seguidores no twitter. De 817 postagens feitas nos meses de janeiro a maio de 2021, foram selecionados e usados 10 deles, (i) primeiro porque tratam diretamente do tema de maior interesse na discussão: a da violência contra a mulher que pode vir sob diversas formas: opressão psicológica, moral, assédio, agressão física, feminicídio (LEI MARIA DA PENHA, 2006); (ii) em segundo plano devido ao espaço restrito no artigo. Só uma ressalva para lembrar que três imagens e relatos analisados são do recorte do youtube da Ong e outros 10, do twitter, totalizando 13.

Embora exista um tipo de procedimento que não é reconhecido como uma forma de violência simbólica, esse modelo violento pode ser visto também em determinados tipos de cirurgias plásticas, que muitas vezes mutilam o corpo da mulher, quando não tiram sua vida, conforme aponta o depoimento de uma seguidora do perfil em 25 de janeiro,

Precisamos parar de normalizar procedimentos estéticos e investir cada vez mais em páginas que contam os perigos de cirurgias plásticas e incentivar mulheres a gostar do que vêem no espelho, diferente do que influenciadores e a mídia sempre pregaram pra caber nos padrões de beleza (NÃO ME KAHLO, 2021)

A postagem teve repercussão como forma de resistência a esses “modelos” prescritos. Outra manifestação dizia,

A pressão estética é um negócio altamente lucrativo e principalmente voltado às mulheres, porque nosso valor social está intimamente conectado à nossa aparência. (NÃO ME KAHLO, 2021)

Aproveitando a oportunidade, como forma de alertar para o assunto, a Não Me Kahlo publicou

um texto informativo com o título “Lipo e o “preço da beleza” de Rangel (2021) alertando que “a pressão estética é um negócio altamente lucrativo e principalmente voltado às mulheres, porque nosso valor social está intimamente conectado à nossa aparência” (p.5). Rangel (2021) chama essa falsa ideia incutida na sociedade de “lógica cruel do heteropatriarcadocapitalista” que modela e “cria um ideal de beleza que precisamos nos submeter e naturaliza isso [...] que a beleza vem através do sofrimento, que precisamos constantemente buscar, [...] para sermos aceitas, válidas ou mesmo para nos sentirmos bem” (RANGEL, 2021, p. 6).

Seguindo, uma postagem no dia 26 de janeiro abordou um problema que tem sido debatido no discurso feminista, o “Gaslighting” (GARCIA, FARNESE, PARÓDIA, RAMIREZ, 2021). O gaslighting é uma percepção errada que a mulher tem sobre ela mesma e isso ocorre em situações como as que duas seguidoras publicaram:

Existem histórias de violência doméstica que são um verdadeiro horror (quase no sentido do cinematográfico, não fossem reais). Lembro de uma mulher no qual o marido ia todo dia na hr do almoço mudar os móveis da casa de lugar, tudo pra convencê-la d q ela era louca.

Nunca vou me esquecer do dia que escutei de uma mulher sobre como seu marido escondia a escova de dente, e durante a relação tóxica ela foi perdendo a dentição, pelo simples fato dele impedir ela de escovar os dentes. Sabe o q significa não ter dente principalmente da frente? (NÃO ME KAHLO, 2021)

São casos que chegam chocar e por meio da linguagem verbal descrevem práticas do cotidiano inseridas de modo explícito ou implícito nas relações. Segundo Landowski (2005) “quer se trate das coisas que manipulamos, quer das pessoas com as quais interagimos, nós nos contentamos, o mais das vezes, com operar sobre elas, ou com elas” (LANDOWSKI, 2005, p. 2)

No dia 6 de fevereiro, a Ong *retweetou* o comentário de uma de suas seguidoras (Foto 6),



FOTO 6 - FONTE:

TWITTER DA NÃO ME KAHLO, 2021

Quando a postagem destaca sobre ser “livre”, faz menção à Madalena Gordiano, liberta de um regime análogo de escravidão no interior de Minas Gerais, quando ela trabalhou por quase 40 anos sob maus tratos e sem receber remuneração. O post mostra a mulher em duas ocasiões: primeiramente com o olhar cansado, triste e desesperançado representando um tanto mais velha que a segunda imagem em que ela sorri nem parecendo ser a mesma pessoa. Os planos “fechado” e depois mais “aberto” no cenário também revelam a condição e mudança. O verbo “livrar” gramática e semanticamente significa “tirar ou sair da opressão” (HOUAISS, 2009, p. 1189). Se fosse resumir tudo o que foi dito até agora, essa seria a palavra com significado mais forte de todos: a liberdade que é incessantemente buscada por mulheres em situações como essa e também pela Não Me Kahlo em suas publicações. No mesmo dia, o grupo destinador inquire sobre o mesmo tema: Advogades poderiam dar um pitaco? Ao passo que uma seguidora (médica) traz outro dado sensível (Foto 7):

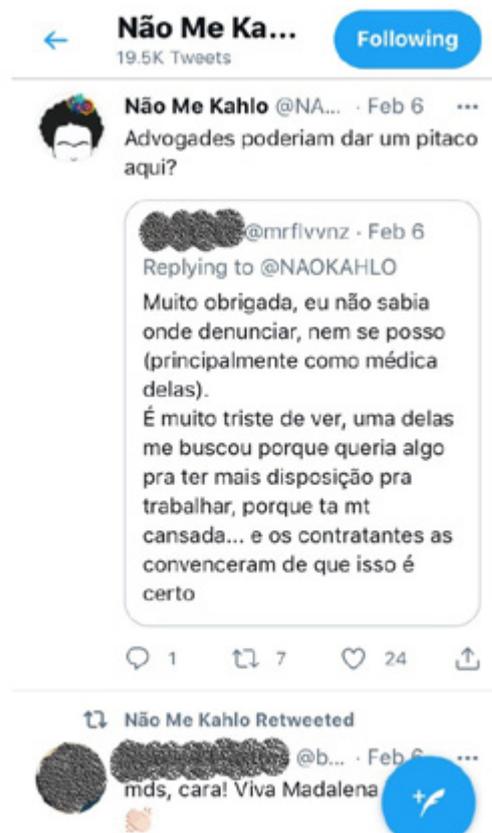


FOTO 7 - FONTE: TWITTER DA NÃO ME KAHLO, 2021

A escravidão é uma forma maléfica de conduzir vidas, ainda tão presente na sociedade atual não apenas no aspecto simbólico (nos discursos, nas imagens), mas nas práticas que seguem muitas vezes, encobertas. Tal sistema segue cristalizado, prende, manipula ideias. Isso fica claro na fala da médica que atende mulheres nessas condições: “Eu não sabia onde denunciar, nem se posso (principalmente como médica delas). Me buscou porque queria algo pra ter mais disposição pra trabalhar, porque ta muito cansada e os contratantes convenceram de que isso é certo” (NÃO ME KAHLO, 2021).

No dia 17 de fevereiro, a Não Me Kahlo replicou a notícia do deputado federal pelo Rio de Janeiro, Daniel Silveira”, que se recusou em usar a máscara reagindo de maneira misógina e agressiva em relação a uma policial (Foto 8).



FOTO 8 - FONTE: TWITTER DA NÃO ME KAHLO, 2021

Nessa ocasião ao chegar no Instituto Médico Legal do Rio sem máscara, que é considerado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como um recurso dos mais importantes na prevenção e controle da covid-19, ele foi solicitado por uma policial a colocar o equipamento de segurança. Foi grosseiro e insultou a responsável por manter a ordem no estabelecimento durante a pandemia. Segundo a Não Me Kahlo ele mostrou atitude sexista daquele que “fala grosso com uma mulher e fala fino com um homem, peita a mulher e tem postura amigável com o homem” (NÃO ME KAHLO, 2021) atestando, conforme Saffioti “eloqüentemente a atitude machista de não tocar na sagrada supremacia do macho” (SAFFIOTI, 1987, p. 80).

No dia 27 de fevereiro, a pauta traz a notícia de gamer de 19 anos assassinada na cidade de



FOTO 9 - FONTE: TWITTER DA NÃO ME KAHLO, 2021

A vítima de feminicídio, apelidada de Sol, foi morta por um jovem que manifestava em seu depoimento “Eu peguei um ódio forte pelas mulheres nesses últimos anos da minha vida. Todo esse drama que elas passam, toda essa melancolia. Eu sinto nojo e ódio disso, eu quero ficar longe, ser um homem seguro e esperto” (LOPES, 2021). Uma das questões que podem ser levantadas aqui nessa declaração é o aspecto da rivalidade haja vista esta é uma atividade praticada em sua maioria por homens e para se sentir “seguro e esperto” ele precisava tirar a gamer de circulação; desse mesmo modo, a leitura que pode ser feita é que a mulher que desafia padrões estabelecidos pela esfera machista, como abordou Saffioti “representa risco” e sendo assim, como sujeito precisa ser “sumariamente eliminado, assassinado” (SAFFIOTI, 2011, p. 124).

Outra forma de “tirar de cena” ou “calar” refere-se a um caso de estupro, publicado no twitter do grupo no dia 1 de março. Dessa vez, o “espaço de interação” da Não Me Kahlo como reflete Landowski (1992, p. 85) foi usado para protestar contra a violência sexual (LEI MARIA DA PENHA, 2006, p. 17) sofrida pela jornalista Amanda Audi. Uma seguidora se manifestou em relação ao assunto fazendo a seguinte postagem (Fotos 10 E 11),



FOTOS 10 E 11 - FONTE: TWITTER DA NÃO ME KAHLO, 2021

O fato trata-se da denúncia feita pela jornalista Amanda Audi, do Site Intercept Brasil, em 2019, contra o professor Alexandre Andrada da Universidade de Brasília (UnB). Nem as testemunhas indicadas no inquérito foram ouvidas muito menos a investigação foi aprofundada. A Polícia Federal encaminhou relatório à Justiça que resultou no arquivamento do processo. Ao desabafar em suas redes digitais, teve de apagar todo o conteúdo após interpelação do advogado do professor da UnB. Precisou se calar, o que mostra que o judiciário, segundo Saffioti aponta na obra com o título "O poder do Macho" (1987), frequentemente transforma mulheres vítimas de violência em réis da ação, enquanto em outras palavras, os homens saem impunes prontos para cometer mais crimes como esse (SAFFIOTI, 1987, p. 80). Sobre o assunto, a Ong publicou texto intitulado "Como Amanda Audi denunciou um estupro e perdeu o direito à própria voz". As cores preta e branca são novamente reiteradas, que conforme já mencionado aponta para um sentimento de "perda" e tristeza que a personagem está envolta. Outra relação que pode ser feita é que este procedimento visa não só "calar", mas figurativamente a relação da cor estampada nos olhos, nas lágrimas (em preto), fortalecem a ideia de "fingir não ver" ou esconder o problema que pode "ser visto" por meio do projeto da NMK (LANDOWSKI, 1992, p. 95). Em outras palavras, acionando a teoria proposta por Greimas e Courtés (2008, p. 300; FIORIN, 2016, p. 30) os comportamentos aqui identificados caracterizam uma manipulação do tipo "intimidação" que é "uma ação de um homem sobre outros homens [...] visando a fazê-los executar um programa dado" quando o "manipulador o obriga a fazer por meio de ameaças"

nessa investida de invisibilizar a vítima, o que não ocorreu porque outras mulheres aplicaram a sororidade tomando as “dores” de Audi. Ou seja, se a “lei” a impedia de se pronunciar, outras fizeram por ela.

De tempos em tempos atos como esse relembram as formas de agressões sofridas pelas mulheres ou literalmente “um cala boca” para que elas se calem diante de situações assim. E a questão principal desse estudo não era falar do óbvio, mas sim, mostrar como essas práticas se constroem e acontecem.

Nessa mesma linha de atuação da justiça, ou a falta dela, o caso da deputada Estadual em São Paulo, Isa Pena– assediada por outro deputado estadual Fernando Cury teve bastante repercussão. Ela desabafou em seu perfil o seguinte, que foi replicado pela Não Me Kahlo (Fotos 12 E 13),



FOTOS 12 E 13 - FONTE: TWITTER DA NÃO ME KAHLO, 2021

Além da exposição e com a “saúde mental em risco”, como ela disse, a única punição em relação ao agressor foi alguns meses de afastamento ou suspensão, que para ela soa como um período de “férias” até que ele retorne e tudo volte ao “normal”. Isso se daqui a pouco ela não for vista como “louca”, que é um “papel social ou temático” dos mais delegados à mulher em casos como esse (GREIMAS E COURTÉS, 2008; DEMURU E GARCIA, 2020). Não por acaso, tratando de questões envolvendo o campo político, no passado também as mulheres que buscavam resistir a esses padrões e lutavam contra ele, eram chamadas de histéricas ou mesmo desequilibradas, como foram apelidadas muitas das sufragistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer das pesquisas são feitas descobertas infundáveis e pertinentes acerca do objeto. Ao longo das análises observou-se que aquelas que se manifestaram junto com as idealizadoras da página agem por um sentimento e propósito único que as leva (a Não Me Kahlo) a atuar em prol de muitas interlocutórias que talvez não tenham tido ainda força suficiente para quebrar o silêncio e promover uma ruptura no ciclo de violência. Fortalecem, sobretudo, a “aliança” e o conceito da sororidade como proposta por hooks (2015), Piedade (2017) e Machado, Shons e Melo Dourado (2019). Alguns entendem mais rápido os processos que se desencadeiam ao seu redor, outros nem tanto e essa é a luta mais importante a ser travada diante dessa problemática: educar, conscientizar e fazer o outro enxergar, diferente dos casos da jornalista Amanda Audi, a exemplo, e entender o que representa e como tais coisas acontecem (GREIMAS E COURTÉS, 2008). Entende-se que as postagens não eram relacionadas especificamente com a pandemia como visava se observar durante a pesquisa.

As representantes da Não Me Kahlo atuam no sentido de educar e informar sobre o sistema do patriarcado e suas consequências porque educar pode libertar e salvar vidas. É isso que, não diferente em suas épocas, buscaram mostrar também Saffioti e Almeida (1995, 1987; Lerner, 2019). A contribuição e disposição que as ativistas da NMK têm é digna de honradez e louvor. Ao acompanhar as produções e página desse grupo foi possível ver sua atuação nessa ferramenta poderosa e quantas outras pessoas elas motivam à ação, podendo transformar esses padrões. Seguindo os conceitos de “Ciberfeminismo” inspirados por Donna Haraway (1985) em seu “Manifesto Ciborgue”, além de outros autores que atuam nesse campo, a Não Me Kahlo se engaja, sobretudo, de maneira muito embasada em dados e pesquisas a respeito do tema, que enriquecem muito o diálogo. Indica-se fortemente, além da constituição de outros grupos como esse, outras pesquisas e estudos nesse sentido como forma e esperança, de moldar ou fazer mover, que seja, um “grão de areia no oceano”.

REFERÊNCIAS

DEMURU, Paolo; GARCIA, Janete Monteiro. De “dama de ferro” a “bruxa desequilibrada”: uma análise semiótico-discursiva da figura de Dilma Rousseff na mídia impressa brasileira (2005-2016). 2020. Revista Interamericana de Comunicação Midiática Animus.

FERRAZ, Cláudia P. Ciborgues e Ciberfeminismo no Tecnocapitalismo. E-Book: Diversidade Diferentes, não Desiguais: Atena Editora, 2019. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/arquivos/ebooks/diversidade-diferentes-nao-desiguais> Acesso em: 10 mai 2021.

GARCIA, Janete Monteiro. Candidatas à presidência da República: a construção da imagem da mulher em revistas e jornais como “submissa” e “dependente”. v. 11 n. 19 (2022): Revista Dispositiva (jan/jul). Disponível em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/dispositiva/article/view/28571> . Acesso em 23 ago 2022.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÈS, Jaclques. Dicionário de Semiótica. Vários tradutores. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 1979.

HARAWAY. Donna; Manifesto Ciborgue – ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX, 1985. In: <http://www.rodrigomedeiros.com.br/pos/download/oriana/01-ManifestoCyborgI.pdf>. Acesso em 11.09.2018

IBDFAM. Cerca de 17 milhões de mulheres foram vítimas de violência no Brasil em 2020, segundo Datafolha. Disponível em: <https://ibdfam.org.br/noticias/8560> Acesso em 01 ago 2022.

LANDOWSKI, Eric. A sociedade refletida: ensaios de sociossemiótica. São Paulo: Educ/Pontes, 1992.

_____, Eric. Interações arriscadas. Trad. Luiza Helena Oliveira da Silva. São Paulo: Estação das Letras e Cores e Centro de Pesquisa Sociossemióticas, 2014.

_____, Eric. Para uma Semiótica Sensível. Revista Educação e Realidade: 2005. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/12417/7347> . Acesso em 22 ago 2022.

LERNER, Gerda. A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens. 1ª ed. São Paulo: Editora Pensamento Cultrix, 2019. THOMPSON, J. B. Ideologia e cultura moderna: teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2000.

LOPES, Débora. A gamer brasileira Sol, de 19 anos, foi morta por um misógino. BuzzFeed. Disponível em <https://buzzfeed.com.br/post/a-gamer-brasileira-sol-de-19-anos-foi-morta-por-um-misogino> .Acesso em 01 ago 2022.

NÃO ME KAHLO. Twitter. Disponível em <https://twitter.com/NAOKAHLO> . Acesso em 10, 11, 12, 13 e 14 jun 2021.

NÃO ME KAHLO. Youtube. Disponível <https://www.youtube.com/watch?v=oYCzbCZ0VE8> . Acesso em 19 jun

2021.

NÃO ME KAHLO. Youtube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=GOPRmHj3O4U&t=4s> . Acesso em 18 jun 2021.

NÃO ME KAHLO. Feminismo interseccional. Disponível em: <https://naomekahlo.com/tag/feminismo-interseccional/> Acesso em 01 ago 2022.

ROCHA, Marcelo. Sem investigação aprofundada, acusação de estupro de jornalista é arquivada. UOL. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/11/sem-investigacao-aprofundada-acusacao-de-estupro-de-jornalista-e-arquivada.shtml> Acesso em 01 ago 2022.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. O Poder do Macho. São Paulo: Editora Moderna, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth I. B; ALMNEIDA, Suely Souza de. Violência de Gênero: Poder e impotência. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 1995.

RANGEL, Bruna. Lipo Lad e o “Preço da Beleza”. Disponível em <https://naomekahlo.com/lipo-lad-e-o-preco-da-beleza/> Acesso em 22 ago 2022.

MALQUIAS, Thaysa. O que é o ciberfeminismo? Da origem por Donna Haraway às práticas atuais. Disponível em: <https://naomekahlo.com/o-que-e-o-ciberfeminismo-da-origem-por-donna-haraway-as-praticas-atuais/> Acesso em 10 jun 2021.

G1. Família que manteve Madalena Gordiano em situação análoga à escravidão é denunciada pelo MPF em Patos de Minas. Disponível em <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2022/05/12/familia-que-manteve-madalena-gordiano-em-situacao-analoga-a-escravidao-e-denunciada-pelo-mpf-em-patos-de-minas.ghtml> . Acesso em 22 ago 2022.

Digital de Tecnologias Cognitivas, n. 19, jan./jun. 2019, p. 11-28. Disponível em: < http://www4.pucsp.br/pos/tidd/teccogs/entrevistas/2019/edicao_19/teccogs19_entrevista01.pdf >. Acesso em: 7 set. 2019.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. p. 117-142. Disponível em: < http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf >. Acesso em: 27 set. 2020.

RIBEIRO, Daniel Melo. Limiares da cartografia: deambulação, arqueologia e montagem no mapeamento de lugares. 2018. 298 p. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São

Paulo, São Paulo, 2018.

SLETTTO, Bjørn. Special issue: Indigenous cartographies. *Cultural geographies*, v. 16, p. 147–152, 2009. DOI: 10.1177/1474474008101514

VARGAS, C. G.; AGUERRE, H. R.; CABELLO, F. S. Sinopsis del estudio de la iconografía de la nueva coronica y buen gobierno escrita por Felipe Guaman Poma de Ayala. *Historia* (Santiago), Santiago, v. 34, 2001, p. 67-89. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-71942001003400003&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 10 mar. 2019. DOI: 10.4067/S0717-71942001003400003

WAINWRIGHT, Joel; BRYAN, Joe. Cartography, territory, property: postcolonial reflections on indigenous counter-mapping in Nicaragua and Belize. *Cultural geographies*, v. 16, p. 153-178, 2009. DOI: 10.1177/1474474008101515.

WOOD, Denis. *Rethinking the power of maps*. New York: The Guilford Press, 2010.

ZUMTHOR, Paul. *La mesure du monde: representation de l'espace au moyen âge*. Paris: éditions du seuil, 1993.